

ORDEM DOS ECONOMISTAS

“A ERA DO CAPITALISMO PLUTOCRÁTICO”

APRESENTAÇÃO PELO AUTOR DO LIVRO

Carlos Correia da Fonseca

21 de outubro de 2025

Caros Colegas e Amigos

Agradeço a todos os que tiveram a amabilidade de aqui comparecer.

Agradeço em especial ao Prof. António Mendonça, Bastonário desta Ordem, que me deu a honra de escrever o Prefácio do livro e de estar aqui hoje, nomeadamente comentando o meu trabalho da forma simpática que o fez.

Agradeço ao José Ribeiro, talvez o último Abencerragem dos editores independentes que tantas e tão importantes obras colocaram nos escaparates das livrarias. Ser editado pela ULMEIRO é, para mim, uma honra.

Agradeço ao Armando Cardoso o seu excelente trabalho de edição e à minha querida Andreia a conceção e execução inteligente e equilibrada da capa do livro. Agradeço finalmente aos Amigos que leram, corrigiram e discutiram este trabalho, com especial destaque para o Zé Pinheiro Henriques e para o Carlos Cabral.

Ao longo dos últimos anos venho observando o mundo com a perplexidade de quem reconhece avanços extraordinários — na ciência, na tecnologia, na comunicação — e, ao mesmo tempo, sente o mal-estar difuso que cada vez mais atravessa as sociedades humanas. Nunca tivemos tanto conhecimento, tanta capacidade de transformar o real e, paradoxalmente, talvez nunca tenhamos estado tão perdidos.

Quando comecei a reunir notas para este livro, percebi que não bastava descrever acontecimentos — era preciso olhar o mundo como um conjunto de **sinais** que, de alguma forma, anunciam qualquer coisa.

E os sinais que a realidade nos vai dando são imensos e apontam para um tempo em mutação profunda. Estão por toda a parte, mas a sua ubiquidade tornou-os quase invisíveis.

O primeiro desses sinais é o ambiente, de que faz parte o **clima**.

A Terra está doente, e a doença é de origem humana.

As alterações climáticas deixaram de ser apenas uma previsão científica para se tornarem um dado da experiência quotidiana.

O sistema económico que domina o planeta reage ao colapso ecológico com a mesma lógica que o produziu: lucra a curto prazo transformando em consumos as preocupações ambientais.

O segundo sinal é a **fome e a pobreza**, num planeta que produz o suficiente para alimentar toda a população mundial.

O Grande Sul é dizimado por lutas permanentes que opõem senhores da guerra em disputa pelo exclusivo direito de esbulho da produção e venda de bens, sejam eles ouro, petróleo, diamantes ou outros. Protegidos de forma mais ou menos explícita pelos grandes interesses que os armam e

que controlam o comércio mundial de tais produtos, oferecem como resultado a miséria de massas exauridas que apenas querem fugir, nem que seja para morrerem afogados nas águas do indiferente Mediterrânio.

Outro sinal é o facto de nunca ter havido tanta riqueza tão concentrada nas mãos de um punhado muito reduzido de indivíduos que acumula mais recursos do que metade da humanidade toda junta.

Mais um sinal é o **poder da tecnologia**, essa nova divindade que prometia libertar-nos do esforço e nos entregou a um novo tipo de servidão.

Por um lado, que permite a mecanização crescente da produção material, a robotização que retira pessoas da fábrica, pondo em causa o verdadeiro mecanismo de criação de valor. Produção sem trabalhadores já não será capitalismo. Varoufakis analisa esta questão e coloca-nos à beira do que designa por **tecnofeudalismo**, um novo e tenebroso modo de produção.

Outro lado do poder das tecnologias é o das redes digitais, que pareciam trazer democratização e voz, mas que se converteram num gigantesco laboratório de manipulação das consciências.

A informação, que devia iluminar, tornou-se um campo de batalha. E as novas formas de poder já não se impõem com exércitos ou leis — impõem-se com algoritmos.

Há ainda outro sinal, que não faz manchetes, mas corrói tudo por dentro: a crise da **saúde mental**.

Vivemos no tempo da ansiedade e da solidão, cercados por uma sensação de vazio que não se resolve com consumos nem com distrações.

Há como que um mal-estar, uma espécie de doença da alma coletiva que se manifesta em múltiplas formas: depressão, ansiedade, burn-out, desânimo, dependência de drogas ou desconfiança generalizada.

Tudo isto — o clima, a desigualdade, a manipulação, a solidão — são fragmentos de um mesmo quadro.

Um mundo que confunde sucesso com valor, poder com sabedoria, e velocidade com progresso.

Ao observar estes sinais, fui compreendendo que o problema não é apenas económico ou político — é **civilizacional**. A civilização ocidental, parece estar mais uma vez à beira de um fim.

Não é apenas o sistema que está em crise; é a própria ideia de humanidade que precisa de ser revista.

Vivemos rodeados de ruído, de pressa e de fragmentos. Falta-nos a visão de conjunto. Por isso recorri, logo no início do livro, à imagem do **fotograma e do filme**: porque cada acontecimento isolado — uma guerra, uma crise económica, um desastre ambiental, uma eleição — é apenas um fragmento de um enredo muito mais vasto. O essencial é tentar perceber o **filme inteiro**: a lógica interna que liga esses acontecimentos, a narrativa subterrânea que corre por baixo do que as notícias mostram.

Essa é a lucidez que procuro, **lucidez** que não é apenas uma virtude intelectual; é um ato de resistência contra a indiferença, contra a manipulação e contra a anestesia moral que nos cerca.

Como chegámos a um ponto em que a desigualdade se tornou normal, a mentira banal, e a indiferença, quase uma virtude?

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, golpes de Estado, invasões, intervenções disfarçadas de “missões de paz” — tudo serviu para preservar a hegemonia do dólar, o acesso aos recursos estratégicos e o domínio dos mercados, numa altura em que o mundo era bipolar e dois sistemas estavam em competição.

Após a queda do Muro de Berlim, Fukuyama decretou o fim da História e os Estados Unidos assumiram-se como única potência num mundo que passou a unipolar. A supremacia militar do ocidente procurou garantir este resultado.

Finda a União Soviética e algum poder de referência que esta tinha para alguns, renasceu o liberalismo na sua formulação “neo”, que se apresentou como a culminação da liberdade e trouxe consigo a captura dessa liberdade por uma minoria — uma plutocracia global que decide, em silêncio, o destino de milhares de milhões de pessoas.

A plutocracia global tem na máquina militar o seu garante e o seu símbolo: a força que legitima o poder económico violento, aliado ao discurso que fala de liberdade e de democracia. É o braço armado de uma lógica que não se contenta em vencer no comércio; precisa também de impor a sua narrativa.

A economia transformou-se em dogma, a política em marketing, e a ética em berloque vazio no peito de qualquer bem-falante. O vazio ético escondeu-se por trás da prosperidade aparente.

A verdadeira crise do nosso tempo não é a escassez de recursos, é a escassez de sentido.

E a falta de sentido, quando se instala numa civilização inteira, pode ser o prenúncio de um novo tipo de barbárie — uma barbárie sofisticada, tecnológica, mas ainda assim barbárie.

Quando falamos de neoliberalismo, é comum que o termo seja técnico, reservado aos economistas e especialistas.

Mas o que está em causa é muito mais do que uma doutrina económica. O neoliberalismo é, antes de tudo, uma **visão do mundo** — uma forma de organizar as relações humanas com base numa ideia de competição permanente e de sucesso individual como medida de valor.

Essa visão, que se consolidou a partir dos anos 80, foi apresentada como o triunfo da liberdade.

Mas tratava-se, afinal, de uma redefinição profunda do próprio conceito de liberdade.

A liberdade passou a significar a ausência de limites para o mercado, não a emancipação do ser humano.

E o mercado, essa entidade abstrata, foi investido de atributos quase divinos: autorregulador, sábio, justo — uma nova “invisível mão de Deus” que prometia equilíbrio e prosperidade.

Na prática, essa fé no mercado acabou por corroer as bases do contrato social. E a **linguagem**, que é o espelho da cultura, começou a revelar a inversão silenciosa de valores.

O Estado, que devia ser mediador e protetor, foi transformado em gestor mínimo de maximizados interesses privados. Os direitos e apoios sociais tornaram-se “gastos” e “rigidez orçamental”. As pessoas são apenas “recursos humanos”, a educação, em vez de promoção da consciência

libertadora, “investimento no capital humano”, o cidadão deu lugar ao consumidor, e o trabalho deixou de ser fonte de dignidade e passou a ser mera variável de custo.

Mas o neoliberalismo não se impôs apenas pela força das leis e regulamentos — impôs-se pela sedução.

Prometeu a todos a possibilidade de ascensão individual, a utopia de que cada um seria dono do seu destino.

E, enquanto isso, construiu uma sociedade de vencedores solitários e imensos perdedores invisíveis.

O resultado foi um deserto moral onde a solidariedade passou a parecer ingenuidade e a compaixão, sinal de fraqueza.

Foi nesse terreno que germinou o **populismo contemporâneo**, que promete devolver a voz ao povo, e que consiste num espetáculo de emoções manipuladas, que transforma comentadores em apologetas, e a política em circo. Que é sintoma da frustração e da raiva produzidas por esse mesmo sistema.

O neoliberalismo prometeu liberdade e mérito, mas gerou desigualdade e humilhação.

O populismo veio oferecer às vítimas desse processo um culpado conveniente — o imigrante, o diferente, o intelectual, o “sistema”.

A sua força não está nas ideias, mas na emoção: ele captura o ressentimento e transforma-o em espetáculo. Por isso o populismo anda de braço dado com as bizarras religiões evangélicas, que prometem as curas milagrosas de doenças e infelicidades a troco de um bom punhado de dinheiro espoliado aos mais desgraçados.

Ambos — neoliberalismo e populismo — alimentam-se mutuamente.

Um, cria a desigualdade; o outro canaliza o desespero.

O primeiro destrói a coesão social; o segundo transforma em ódio a coesão destruída.

O resultado é um novo tipo de totalitarismo, mais difuso e mais eficaz: um totalitarismo que já não precisa de censura, porque colonizou as consciências.

Na era das redes e dos algoritmos, a manipulação é doce, quase imperceptível.

Não se impõe pela força, mas pela distração.

O cidadão é inundado de informações, mas privado de sentido crítico.

Cada um vive dentro da sua bolha digital, alimentada por conteúdos que confirmam as suas crenças e emoções.

E assim, o homo sapiens, criatura racional e empática, vai-se tornando o que chamei um **homo conformatus**: um ser anestesiado, programado para consumir, reagir e obedecer — mas raramente para pensar.

É aqui que se revela o verdadeiro poder do neoliberalismo: ele não domina apenas as economias; domina as subjetividades.

Não apenas o que fazemos, mas o que desejamos.

O mercado deixou de ser um espaço de trocas para se tornar uma pedagogia global.

E, nesse processo, vai dissolvendo silenciosamente os laços que nos ligam aos outros. Por isso podemos assistir como que anestesiados ao sofrimento

humano de cidades bombardeadas e crianças estropiadas tornadas em espetáculo televisivo.

O populismo, por sua vez, surge como o espelho invertido desse processo. Promete devolver a voz ao povo, mas fala em seu nome para reforçar o mesmo poder que diz combater.

Utiliza as ferramentas do neoliberalismo — os media, as redes, o marketing — para canalizar a frustração e perpetuar o medo.

Onde o neoliberalismo divide pelo mérito, o populismo divide pela identidade.

Um diz: “és pobre porque não te esforçaste.” O outro acrescenta: “és pobre porque te roubaram o país.”

Ambos convergem num mesmo resultado: a fragmentação.

Vivemos, assim, num paradoxo: um sistema que proclama liberdade e produz servidão; que celebra a informação e dissemina ignorância; que exalta o indivíduo e destrói o humano.

Em nome da eficiência, sacrificámos o cuidado; em nome da velocidade, sacrificámos a profundidade; em nome da liberdade individual, sacrificámos o sentido de comunidade.

A espécie que desenvolveu a linguagem, a arte, a ciência, e que poderá chegar às estrelas, parece incapaz de cuidar da casa onde vive. Ou de si própria.

Entre a arrogância tecnológica e a indigência moral, fomos perdendo o equilíbrio.

As máquinas aprendem a pensar, mas nós desaprendemos a sentir.

O que vivemos hoje é uma **crise antropológica**.

Não é apenas um sistema que entrou em colapso — é uma certa ideia de ser humano.

O neoliberalismo, ao transformar tudo em mercadoria, acabou por transformar também o próprio homem em produto. Cada um de nós é produto cujos gostos e simpatias são vendidos pelas plataformas às empresas.

O valor de cada pessoa passou a medir-se pela sua utilidade, pela sua performance, pela sua capacidade de competir.

Vivemos, portanto, sob uma espécie de darwinismo social sofisticado, onde sobreviver significa adaptar-se à lógica da rentabilidade pisando, se necessário, as cabeças e a alma de tudo e todos.

E quem não se adapta é descartado — silenciosamente, sem escândalo, como se fosse uma inevitabilidade natural.

Durante séculos, as religiões ofereceram narrativas de pertença, respostas simbólicas ao medo e à finitude. É claro que foram também fortes colaboradoras dos violentos mecanismos de poder.

Hoje, essas narrativas esboroam-se, e a ciência — por mais fascinante que seja — não as substitui.

A ciência explica o “como”, mas não o “porquê”.

E o vazio deixado por essa ausência de sentido tem sido ocupado pelo consumo, pelo entretenimento, pelo ruído incessante.

O livro procura ler nas grandes transformações do nosso tempo — climáticas, económicas, tecnológicas, culturais — uma mesma raiz: a dissociação entre razão e humanidade.

Quando a racionalidade se separa da compaixão, o progresso torna-se destruição.

Quando o conhecimento se divorcia da ética, a inteligência converte-se em ameaça.

É esse o desafio que enfrentamos: **reconciliar o humano consigo próprio**. Reencontrar uma medida justa entre a nossa capacidade técnica e a nossa responsabilidade moral.

E isso só pode acontecer através de algo que o neoliberalismo não pode eliminar, por mais que tente: o impulso humano de compreender o outro, de sentir o outro, ou **empatia**, e de agir de acordo, ou simpatia.

É esse impulso — o da consciência e da empatia/simpatia — que ainda resiste, mesmo entre os escombros.

E é a partir dele que se pode começar a reconstruir.

Ao longo da história, a humanidade conheceu muitas crises económicas, políticas e morais, mas ultrapassou-as porque a sua natureza é criar laços, é cooperar, é partilhar, e foi essa característica intrínseca que permitiu a autonomização em relação a bonobos e chimpanzés, e a sobrevivência da espécie.

Durante centenas de milhares de anos, a empatia foi a força invisível que nos fez humanos.

Hoje, essa força parece querer ser colocada em regressão. Aquilo que designei por **robotização do sapiens**.

Mas, nas últimas décadas, as neurociências e a psicologia demonstraram que a empatia não é uma virtude opcional — é uma **necessidade biológica**.

Somos, literalmente, programados para sentir com o outro.

É essa capacidade de espelhar o sofrimento alheio que nos liga, que cria a base da moralidade.

Quando o sistema social desvaloriza a empatia, está a mutilar a própria arquitetura do humano.

Por isso, *A Era do Capitalismo Plutocrático* não é apenas uma crítica ao sistema — é um apelo à lucidez e à empatia.

É um convite a olhar o outro não como competidor, mas como parte da mesma fragilidade que nos constitui.

A reconhecer que a tão necessária grande revolução do nosso tempo talvez não esteja nas máquinas, nem nos mercados, nem na política, mas **na redescoberta da decência humana**.

E é justamente aí que o livro culmina — na proposta de uma ética possível, de uma nova forma de pertença, de um movimento que recoloque a dignidade no centro da vida.

Quando cheguei ao final deste percurso — feito de leituras, memórias, perplexidades e esperanças — percebi que não podia terminar apenas com um diagnóstico.

O livro não queria ser um epitáfio, mas um gesto de recomeço.

Depois de percorrer as sombras, era preciso procurar a luz.

E a luz, por mais ténue que seja, ainda existe.

A pergunta que me guiou foi simples: **o que resta ao ser humano quando todos os sistemas falham?** Quando as ideologias se esgotam, as instituições se corrompem e as promessas do progresso se revelam enganosas, o que ainda nos pode salvar?

A resposta não está em nenhuma teoria, nem em nenhum partido, nem em nenhum messias.

Está numa palavra antiga e discreta: **decência**. A decência é talvez a forma mais simples — e mais exigente — de resistência.

Não precisa de slogans nem de líderes carismáticos. É uma atitude diante da vida: um modo de estar, de falar, de agir, de olhar o outro. É algo que existe, mais ou menos recalcado, dentro de cada um de nós.

É aquilo que resta quando o poder, o dinheiro e a fama deixam de significar alguma coisa.

Foi com essa ideia que imaginei o **Movimento pela Decência Humana (MDH)** — não como um partido, mas como um horizonte. Um movimento que recupere o sentido do comum, que reúna pessoas de diferentes origens e sensibilidades em torno de valores universais: justiça, empatia, verdade, solidariedade.

Um movimento que não prometa a perfeição — apenas a decência possível.

As **dez bandeiras** que propus no livro não são um programa político, mas uma bússola moral.

Elas apontam para dimensões concretas daquilo que precisa de ser reequilibrado, e que passo a enunciar:

- i. O combate às alterações climáticas, porque é indecente colaborar na destruição da vida.
- ii. O fim da lógica do mundo unipolar, com promoção do diálogo entre culturas e civilizações, porque somos todos humanos e só o conhecimento mútuo e o diálogo permanente permitem uma coexistência decente. Russos, europeus, americanos, africanos ou chineses não são maus. Maus podem ser os interesses que os dominam.
- iii. A agroecologia, que é uma nova forma de fazer agricultura com impactos negativos mínimos, libertando o agricultor do domínio do agronegócio, garantindo o direito universal à alimentação.
- iv. A reforma do sistema financeiro e o fim dos paraísos fiscais, porque estes, ao promover a fuga fiscal, a lavagem de dinheiro, a manutenção da cara lavada a bandidos disfarçados de gente séria, são absolutamente indecentes.
- v. O rendimento universal garantido, porque ninguém gosta de ser pobre e a evidência é que as pessoas só se adaptam à miséria se não tiverem alternativas.
- vi. A valorização do trabalho pelo seu valor social; o mercado está cheio de *bullshit jobs* geralmente como nome inglês, altamente bem pagos, quando o trabalho de um enfermeiro ou de um educador de infância, que são fundamentais, é menosprezado.
- vii. A inovação posta ao serviço do bem comum.
- viii. A democratização da internet e o combate aos indecentes monopólios tecnológicos.
- ix. A proteção efetiva dos bens públicos.

E, acima de tudo,

- x. A defesa intransigente da democracia e dos direitos humanos, que não são a democracia dos zombies nem aqueles direitos humanos que justificam bombardeamentos.

Muitas outras bandeiras deverão surgir, e este é um convite a todos os meus leitores: proponham mais.

Juntas, formam uma tentativa de reconstruir o tecido moral que a plutocracia e o populismo dilaceraram.

Não se trata de um projeto utópico no sentido ingênuo do termo — é, antes, uma **utopia necessária**, aquela que permite não desistir do futuro.

Porque **o contrário de utopia não é realismo — é resignação**.

É um apelo à lucidez, mas também à ternura.

Porque sem ternura, a lucidez transforma-se em cinismo; e sem lucidez, a ternura degenera em ingenuidade.

Precisamos das duas: da inteligência que comprehende e do coração que se comove.

Escrever este livro foi, para mim, uma forma de conciliar ambas. Como escrevi no epílogo, este é um **trabalho inacabado**, porque o mundo continua a mudar — e com ele, as perguntas.

Mas se, ao ler estas páginas, alguém sentir que é possível um mundo com mais empatia e mais decência, então o livro já terá cumprido a sua função.

A todos, muito obrigado.